

(OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO)

Essa ficção aliará, descendente direta de gosto ingenuo do impertinente Flaubert, descendente indireto do tradutor Hoffmann.



«A, nome tão parecido com Bernard Shaw e a sua visão tão integrada, a sua concepção de vida que partem de Marcel Proust, é a figura simbólica do nome tempo, brincando com tudo e vendo os homens e o mundo, por um poema especial toda vez. É um espectador. Um espectador vulgar mas de várias luzes. Um espectador que incute, inspira, impressiona, entusiasma. E, finalmente, um Corneille diante divertido-se com uma sociedade natural».

[illegible]

Proceder con cautela, asegurarse de que el talento de muchos, para creer todo lo verdadero, afirma todo lo contrario, respecto a otros.

O homem anagórico sempre procura a aproveitar todas as oportunidades possíveis. Um dissimulado, então. Com "varias" "eas". E a procura da verdade, no "ea". Assim a ser, ele não sente indiferença a sua própria imagem, Gensouloude (independência de caracteres). E, Prandile, o Freada do Rio.

[illegible]

Como o homem procura, o homem perverte-se e vive o que se diz. De toda a técnica, avançada, operando e momento propício para matar e fazer vítimas: tal como aqueles terríveis ratos de São

"O exemplo de 'E' Denaral-In-
tel...' não acredita no ridículo.
Nem ao rancor. Nem na verdade,
mas para ele temos indistinctos.
Imperiosa. Sem confusão
logica. Ois drama do Pira-
nelli tem sempre de mais
ao espectador é uma comédia.
Uma comédia, uma tragédia. E vi-

— 10 —

[illegible]

O homem, criado de Deus, ao desvelado não se preocupa com a vida em si. Nos seus problemas públicos. Nos seus problemas econômicos. Não se preocupa com coisa alguma que não lhe diga respeito exclusivamente na vida íntima. Não liga aos problemas da sociedade. Nunca pensa o religioso na salvação.

PIRANDELLO E O HOMEM PIRANDELLIANO

Correio da Manhã – 06 de outubro de 1935 (texto integral).

Publicado no: Diário da Tarde – 17 de agosto de 1935.

Pirandello é o representante mais típico da desordem no mundo moderno. No entrechoque cruento de forças as mais variadas, vai displicentemente vivendo, debaixo do céu azul da Itália e dentro de pequeno território entre o mar Adriático e o mar Mediterrâneo, esse campeão gracioso do ceticismo universal.

Esse fecundo siciliano, descendente direto do gênio inquieto do impertinente Rabelais, descendente indireto do trágico Hoffmann, às vezes tão parecido com Bernard Shaw e às vezes tão integrado numa concepção de vida que pertence a Marcel Proust, é a figura simbólica de nosso tempo, brincando com tudo e vendo os homens e o mundo por um prisma especial todo seu. É um espectador. Um espectador vulgar mas de vistas largas. Um espectador que faz análises interessantíssimas da humanidade, um Conselheiro Acácio divertindo-se com rude seriedade natural.

Vindo a viver num tempo em que tudo se desagrega para novamente se agregar, num tempo de avançados processos e métodos de psicologia experimental pura, para vencer, para ter um lugar destacado ao sol, este tipo odiado e aplaudido, desprezado e acatado, vencido e vencedor, lutou contra o mundo usando as armas tão do agrado de Rabelais como a ironia mordaz, a sátira contra a razão, a falta de senso contra o senso, e o bom senso. Aproveitou-se dos conhecimentos

do homem e colocou despido, nu, inteiramente nu, em uma espécie de picadeiro de circo, chamando a atenção da multidão de assistentes para esse pobre filho de Eva, nu como o seu primeiro pai Adão, e, para as roupas de baixo, largadas ao chão, desprezadas, abandonadas, sujas, ou limpas, não importa, feitas sob medida pelo alfaiate, criador de preconceitos da humanidade.

Prosador completo, aproveita-se do seu talento de escritor para negar todas as verdades, afirmar todas as mentiras, inverter a ordem natural das coisas, mudar o aspecto, a fisionomia dos fenômenos, bolindo com o gênio místico de D'Annunzio. Um endiabrado autor que vê todos os homens como vê a Tulio Buti do seu livro “Tenzetti”, um homem “que não escrevia nem recebia cartas, não lia jornais, não parava nem se virava para ver o que quer que acontecesse pela rua e que atraísse a alheia curiosidade, um homem que, se alguma vez uma chuva qualquer o colhia de improviso, continuava caminhando no mesmo passo, como se nada tivesse acontecido”, usando e abusando do contraste, um homem negação do próprio homem. Tudo em Pirandello é paradoxo. Ou não é paradoxo e nós é que invertemos as coisas, não as vendo como elas de fato devem ser vistas.

* * *

O que mais nos interessa na obra de Luigi Pirandello é o homem pirandelliano.

Segundo o teatrólogo italiano, o homem é por excelência um animal que se dissocia. Um animal de várias almas. De almas inúmeras. De vários estados de espírito. Um homem com alma verdadeira e alma falsa.

O homem pirandelliano é ao mesmo tempo um abandonado e um protegido. Quando não se encontra isolado da vida é porque está integrado no viver humano. É um homem que estabelece a dúvida. É um homem para quem os sonhos se transformam em realidade devido à desagregação contínua a que está sujeita a sua personalidade. Sempre um revoltado. Querendo fazer do seu universo o universo todo. Reagindo. Tomando diferentes atitudes. Impondo decisões. Tirando conclusões.

O homem autoritário sempre pronto a aproveitar todas as oportunidades possíveis. Um dissimulador, enfim. Com vários “eus”. E à procura do verdadeiro

“eu”. Autor e ator, ele assiste indiferente à sua própria tragédia. Generalizador intransigente de caracteres, é Pirandello o Freud da ficção.

Luigi Pirandello, tal como Ibsen e Proust, não liga ao homem. Ele liga mais ao mistério que encerra o psiquê humano. A vida é um intenso drama e os homens os atores do drama da vida. Longe do mundo são seres deslocados em faculdade de afirmação. Dentro do mundo é o ser que brinca de cabra cega, que recua para avançar, que se esconde, que fraudas, que é ladrão e honrado de uma só vez, covarde e valente, poltrão e audaz.

Como o homem proustiano, o homem pirandelliano é um ser que se dissocia. De tocaia em tocaia vai avançando, esperando o momento propício para saltar e fazer vítimas tal como aqueles personagens tétricos de Poe.

O escritor de “É Domani Lunedì...” não acredita no ridículo. Nem na razão. Nem na verdade. São para ele termos indeterminados. Imperiosos. Sem explicação lógica. Um drama de Pirandello (com surpresa do leitor ou espectador) é uma comédia. Uma comédia, uma tragédia. E vice-versa.

Quem ler, por acaso, “La signora Frola e il signor Ponza, suo genero” não pode deixar de ficar embasbacado ante o conflito medonho de afirmações autênticas. No começo descobrimos na “signora Frola” uma maluca. Logo depois o maluco já é o “signor Ponza”, seu genro. Em suma, é tanto maluco o genro como a sogra? Não! Nem o genro nem a sogra e sim a mulher do “Signor Ponza” e filha da “signora Frola”. Os malucos somos todos nós leitores que não compreendemos, que não enxergamos, que não penetramos no pensamento do autor? Ou são todos os pobres habitantes de Valdana que não entendem o “Signor Ponza” dando ouvidos às conversas fiadas de sua sogra? Ou louco é o sr. Pirandello? Ou louca é toda a ingênua humanidade? Ou malucos somos nós dois, tu, leitor, e eu, o crítico (?), como diria Agrippino Grieco?

* * *

O homem criado às pressas por Pirandello não se preocupa com a vida em si. Nem com problemas políticos. Nem com problemas econômicos. Não se preocupa

com coisa alguma que não diga respeito exclusivamente à sua vida íntima. Não liga aos problemas da sociedade. Busca sempre o repouso e a luta na solidão.

Esconde-se de si mesmo, nega a própria existência, blasfema contra Deus, brinca com o amor para andar nervosamente à procura de si mesmo, para procurar em si próprio a razão ou a falta de razão da existência, para no fim ser uma vítima da fatalidade e um atingido pelo amor que o torna ridículo.

Amando a má sorte, a falta de gosto, quanta delicadeza existe nesse prosador original?

A sua obra é um mundo a desbravar. Humaníssimo. É uma obra que vive e que merece, portanto, todos os cuidados da crítica. Obra para todos os paladares, precisa ser analisada com cuidado devido aos imprevistos que embasacam o leitor. O crítico precisa, sem dúvida, colocar-se no lugar de Pirandello. Porque, no fundo desse cômico fazedor de dramas teatrais, há um espírito que vibra pela perfeição artística e que se deixa levar, horas e horas enegrecendo papel para, com suas blagues, assustar a humanidade.